

O senador que dobrou Brizola

Augusto Fonseca

— O senhor surpreendeu muita gente, principalmente ao governador Brizola, por ter optado pelo Senado em vez de dar continuidade ao projeto educacional que iniciou no período de 83 a 87. O que o atraiu com tanta força para o Senado?

— Eu sou como cobra, eu mudo de pele. Eu tive uma pele de etnólogo, outra de indigenista, a vida inteira lutando pelos índios, de educador com Anísio Teixeira, de criador de universidades, depois de romancista, de teórico de Antropologia. Enfim, fui mudando de pele a minha vida inteira. Agora estou começando uma pele nova — gosto muito dela —, pele de senador.

— O governador Brizola, quando insistiu para que o senhor deixasse o Senado para assumir a secretaria de Cultura do Rio, não entendeu que o senhor trocou a pele de criador dos Cieps pela de senador?

— O caso do Brizola é um caso de amor. Muita gente, uns imbecis aí, está dizendo que o Darcy é uma coisa como o César Maia. Não tem nada a ver. Para cima de mim... Eu nunca vou sair desse partido. O Brizola pode sair do partido, eu não. Esse partido eu ajudei a fazer desde o primeiro dia. Como o Brizola gosta muito do PTB, se chamarem ele para o PTB, num acordo político, ele pode até ir para lá. Eu não vou não, eu gosto é do PDT. O que a imprensa está explorando de uma forma ruim, às vezes, é o seguinte: o desentendimento meu com o Brizola é um ato de amor. É porque ele quer mais Darcy, não é porque ele quer menos Darcy. Então, de fato, é uma grande rusga de namorado. Ele queria que eu ficasse lá. Eu queria — desde 82 — era o Senado.

— Mas o governador está muito magoado com o senhor...

— O Brizola valoriza muito alguma coisa que é importante para ele, para mim e para o Brasil, que é a educação. De fato é alguma coisa que pode ser feita, de fato o êxito dos Cieps foi muito grande. A votação dele é um reconhecimento dos Cieps. Ele esperava 51% e teve 64% dos votos. Como eu ajudei a fazer aquilo, a projetar, a levar aquilo adiante, ele queria que eu ficasse os quatro anos ao lado dele. Mas para mim era muito importante estar aqui. Tivemos, de fato, discussões em que ele insistia: "Mas você não pode me deixar sozinho aqui, agora que nós vamos recomeçar". E eu respondia: "Brizola, eu fico lá, mas te ajudo aqui". O Senado tem quase quatro meses de recesso e por outro lado há muitos senadores que têm negócios. Eu não tenho negócios, então posso ir toda semana ao Rio. Mas para ele era uma coisa simbólica que eu fosse assumir. Era eu e o Nilo Batista as duas figuras que iam tomar conta das duas áreas que o Brizola estava preocupado: a educação, sobretudo, e a segurança. E ele se frustrou. Me doeu muito não poder atendê-lo, mas para mim, no momento em que ele concordou, em que eu vim para cá, eu mandei uma carta a ele me explicando mais ainda, eu me senti aliviado. Se eu tivesse que atendê-lo, seria não atender a mim. E a primeira obrigação de um homem é ser igual a si mesmo. Eu tenho que ser igual a mim. Eu tenho que pensar com a minha cabeça. Por mais que eu compreenda as razões dele, eu não podia pensar pela cabeça dele que meu lugar era lá, quando eu acho que meu lugar é aqui e lá.

— A imprensa chegou a noticiar que essa carta que o senhor enviou ao governador Brizola o teria magoado...

— Não, jamais. Primeiro, o Brizola é muito afetoso na relação pessoal. É muito cordial. Brizola é um cavalheiro. E depois eu gosto muito dele. É uma carta de irmão. Se há uma frase dura é essa: "compreenda que eu tenho que ser igual a mim, que eu não posso deixar de ser igual a mim. Eu tenho que ser eu. Eu creio que o que devo fazer é isso". Mas disse que, claro, estaria à disposição dele sempre e a carta foi a mais cordial que você possa imaginar. É uma carta de desculpa pelo fato de que eu não atendia meu velho e querido amigo e companheiro. Não há problema. Inclusive uma prova de que não há problema é que hoje (quinta-feira) eu tive a notícia de que ele mandou instalar um telefone vermelho lá em casa. Então significa que eu continuo com telefone para falar com ele a hora que eu quiser, para formar no circuito de governo. Eu sou um assessor, um colaborador dele. O namoro já está restabelecido.

— E como o senhor está se sentindo na pele de senador?

— Eu já apresentei quatro pedidos de informação: sobre matança de menores, sobre a terrível situação que está levando os índios ao suicídio, sobre os motivos que levam três milhões de mulheres a fazerem aborto e um muito interessante sobre uma coisa curiosa: vou pedir que o Senado tome providências para tomar conhecimento sobre os decretos secretos. Foram feitos centenas de decretos secretos. Que loucura é essa? Um poder tem que editar suas decisões. Que decisão foi essa que foi tomada escondida. Que alguém ache que deve continuar escondido, pode achar, mas esconder do Senado por quê? Eu quero saber. Vou pedir ao Senado que exija. O Senado vai querer ver um por um os decretos secretos. Vai querer saber por que os decretos eram secretos.

— Qual o principal papel do Senado na vida brasileira hoje?

— O Senado para mim tem dois sentidos, que eu percebo agudamente: é o lugar em que eu posso fazer, eu suponho, alguma lei que ajude a melhorar a institucionalidade brasileira. O outro aspecto importante do Senado é o pedagógico. O Senado é um lugar de se defender idéias, que, ainda que não sejam viáveis, devem ser discutidas para obrigar o Brasil a tomar conhecimento delas. Os jovens vão ser chamados hoje a quê? Essa juventude que vem de uma geração quebrada, que foi a geração da ditadura. A juventude precisa ganhar as cabeças para pensar o país como

Na última quinta-feira, dia em que completava 27 anos de aniversário de sua saída para o exílio no Uruguai, a bordo de um avião monomotor, o hoje senador Darcy Ribeiro recebeu o presente mais importante para aliviar a tensão que vivia desde sua eleição: o governador do Rio, Leonel Brizola, mandou instalar no apartamento de Darcy, na Avenida Atlântica esquina com a Rua Bolívar, em Copacabana, um telefone vermelho, para que possam falar diretamente a hora que quiserem. Com esse gesto, Brizola colocou um ponto final numa "rusga de namorados", como define o senador do PDT do Rio, que se recusou a trocar a ca-

deira de senador pela de secretário de Cultura e principal condutor do projeto educacional de Brizola. "Meu desentendimento com o Brizola foi um ato de amor", diz o senador. "Foi porque ele queria mais Darcy, não porque queria menos Darcy".

Mineiro de Montes Claros, esse antropólogo de 69 anos já ocupou a chefia da Casa Civil e o Ministério da Educação no governo João Goulart. Em 1964, partiu para o exílio no Uruguai, junto com Brizola. Voltou em 1968 e foi preso. Julgado e libertado, foi convidado a se retirar do país em 1970. Retornou em 1974, antes da anistia, para tratar de um câncer pulmo-

nar. Eleito vice-governador em 1982, Darcy coordenou a criação dos Cieps. E saiu candidato à sucessão de Brizola em 1986, mas foi fragorosamente derrotado por Moreira Franco. Agora, conquistou o primeiro cargo eletivo de sua vida e se diz apaixonado por ele.

O coração de Darcy, hoje debruçado em projetos e pedidos de informação, está voltado para o Senado. Em carta a Brizola ele explicou por que se decidiu por Brasília: "Se eu tivesse que atendê-lo, seria não atender a mim. E a primeira obrigação de um homem é ser igual a si mesmo".

Brasília — Gilberto Alves



PDT
Eu nunca vou sair desse partido. O Brizola pode sair do partido, eu não

Senado
O Senado é o lugar de se defender idéias que, ainda que não sejam viáveis, devem ser discutidas

Elite
O ruim aqui são os bonitos, os educados, os ricos. São esses que sempre organizaram o Brasil de forma medíocre

Zélia
Eu sou contraditório: gosto da Zélia bonitinha, mas que coisa terrível a insensibilidade dela

Educação
O ministro da Educação que tem aí diz que vai caçar o velhinho para alfabetizar. Tem que caçar é menino

Modernidade
O que pode ser moderno no Brasil, nestes países com fome, é o povo comer todos os dias, é todo mundo ter emprego.

um país que tem que dar certo. Me dói, me dói quase carnalmente o fato de o Brasil não ter florescido como civilização e tem tudo para ter florescido. Falta uma classe dominante decente. O ruim aqui são os bonitos, os educados, os ricos, são esses que sempre organizaram o Brasil de forma muito medíocre. Então, minha preocupação é usar o Senado como um local que eu trabalhe para ajudar a criar uma consciência crítica, a ver o país como um desafio, como um imenso desafio.

— O que o senhor acha que falta para que o Brasil dê certo?

— O sentimento que eu tenho é um sentimento duplo de revolta, porque não se realiza esse país pelo desempenho medíocre do Brasil, vergonhosamente medíocre. É quase inexplicável. As explicações que ocorrem são todas de bobocas. Clima... Evidentemente o clima tropical é muito melhor. Vejo o movimento tropicalista. Foi preciso surgir Caetano e Gil para que, de repente, trópico fosse bom. A atitude brasileira era o quê? A atitude mais profunda era de que trópico era ruim. Era o Brasil cultuando o Brasil com nostalgia do inverno. O inverno é uma porcaria. Aquela neve só é bonitinha na hora que cai, depois é uma coisa infernal. Tem uma espécie de nostalgia, a nostalgia do Natal, de comer fruta seca, que é horrível, no mês em que o Brasil dá as frutas mais frescas. A explicação podia ser pela raça. O que nós temos de bom no Brasil é a mestiçagem, essa mistura de índio, com negro, com branco, em proporções muito maiores de negros, de índios do que de brancos. O bom é essa mestiçagem. E tem uma gente com uma atitude besta, atitude que a gente encontra assim, frequentemente, de filhos de imigrantes metidos a besta, com ar assim de que são responsáveis pelo progresso deste país. Nós, mulatos, fizemos esse negócio todo, esse paísão desse tamanho. Levamos esse país à independência. Mas, depois, por que esse fracasso?

— Mas se tudo estava certo, o que deu errado?

— A única explicação que vejo é a seguinte: o próprio projeto do Brasil é ruim, o projeto da classe dominante, que continua sendo o projeto de hoje. O projeto da Zélia. Eu sou contraditório. Eu gosto muito da Zélia bonitinha, da Zélia de um êxito, de uma mulher brasileira que chega até o poder que ela tem e tem aquela coerência. Mas ao mesmo tempo eu digo: que coisa terrível a insensibilidade dela. A política dela fez um milhão de desempregados. Um milhão de famílias está passando fome. E ela não se preocupa com isso. A falta de visão deste país, com o que este país é, com as carências deste país. O Brasil nunca existiu para si.

— Como senador o senhor acha que, por exemplo, pode fazer um trabalho de educação como faria se estivesse coordenando o projeto dos Cieps?

— Eu vou tratar da educação em essência num dos projetos que me interessa muito, que é a Lei das Diretrizes e Bases. Ela já foi discutida na Câmara e está vindo para cá e eu já tenho um estudo muito comparativo, enor-

me. Tem reformas substanciais que eu acho indispensável fazer. Para dar um exemplo, criou-se no Brasil uma besteira, uma loucura, que foi o ensino de primeiro grau de oito séries. O primeiro efeito é que só 5% dos brasileiros têm o primeiro grau completo, porque exige oito séries e ninguém tem oito séries no povo. Uma das coisas que estou propondo é criar um primário de cinco séries, que é terminal, ou seja, quem fez esse primário deve estar pronto para ir trabalhar. O objetivo desse primário é o que há de mais profissionalizante do mundo, que é aprender a ler, escrever e contar. O Lula, que sabia escrever, ler e contar quase foi presidente. Se não soubesse ficaria varrendo a porta da fábrica. Depois mais cinco séries, também terminais, médias. Uma educação média que dá outra compreensão do mundo, uma formação científica. E mais duas séries pré-universitárias. O curso passa a ser preparatório para a universidade e, portanto, vocacionado para uma coisa, que não é o trabalho atual.

— A curto prazo há como acabar com o analfabetismo?

— Um requisito para que o país dê certo é que todo mundo saiba ler, escrever e contar. Nós continuamos produzindo analfabetos é o ministro da Educação que tem aí diz que vai caçar velhinho para alfabetizar. É uma brincadeira. Tem que caçar é menino. Se colocar todos os meninos na escola, a morte é a solução para o analfabetismo. Os velhinhos vão morrer, nós todos vamos desaparecer. Se não produzirmos mais nenhum analfabeto, se alfabetizarmos todos os meninos, em 20 anos o problema está resolvido.

— O senhor já está se preparando para a reforma constitucional prevista para 1993?

— Estou interessado em criar uma reforma constitucional que interessa muito, que é para acabar com a maior estupidez da Constituição. Tem várias besteiras na Constituição, mas há uma que é muito ofensiva a mim, que sou organizador de universidades no mundo inteiro. É a proibição para que professores estrangeiros sejam contratados. Os Estados Unidos não existiriam como civilização se tivesse essa lei lá. Proibir isso é de uma estupidez, de uma mediocridade. É para guardar um lugarzinho para quem? Outra coisa da Constituição que estou estudando com muito cuidado, que é a coisa mais ridícula. Eu tenho que saber por que os doidos dos constituintes no ano do centenário da República decidiram convocar um plebiscito para saber se o povo quer um rei. São capazes de pôr também no plebiscito: querem também duques, quantos duques, quantos arquiduques, quantos viscondes, quantos barões? Barão vai ter função gratificada ou visconde vai ser gratificado com quanto? É de uma burrice cavalgar. Que história é essa, depois de 100 anos de República? Depois verifiquei que ninguém queria, nem ninguém quer. Foi um equívoco. Como tinham esquecido de achar um modo para ver se o parlamentarismo valia a pena, puseram duas consultas plebiscitárias, o parlamentarismo e o rei. Vocês querem um rei aí?

— Depois de pouco mais de um ano da posse do

presidente Fernando Collor, qual a avaliação que o senhor faz do desempenho do seu governo?

— O Collor primeiro me assustou. Eu não esperava a vitória dele, foi uma vitória assim meio espantosa. Segundo, este governo é de um nordestino — claro que de uma família da nobreza nordestina, que é muito pior do que os ricos em qualquer país do mundo. Os ricos do Nordeste... é uma gente dura, perversa, pervertida, é uma gente muito ruim. Apesar disso, supõe-se uma certa solidariedade, muitos deles dão solidariedade muito grande para ao povo do Nordeste. Um nordestino jovem, o que é uma coisa muito simpática, voltado para a gente mais pobre, descamisados, como ele chamava, uma coisa meio peronista, ou pés descalços. De repente ele opta por ricos. Quer dizer, o eleito dos pobres opta pelos ricos.

— O senhor já se declarou contraditório em relação à ministra Zélia. Mas o que acha de toda a equipe econômica?

— Os meninos da Zélia são de espantar, são de uma insensibilidade... Não são daqui. Eles admiram o Japão, a Inglaterra, queriam ser japoneses. Olha para a cara deles. Eles gostariam de ser japoneses, têm um pouco de nojo deste país. Não conhecem a história brasileira. Não querem saber das coisas aqui. Não tiveram a cabeça feita aqui. Tiveram a cabeça feita em Chicago ou na filial de Chicago, que é Campinas. São *Campinas-boy*. Esses *Campinas-boy* custam aí e esquecem que Volta Redonda chegou um dia a guerra. Essa siderúrgica foi inaugurada em 45, no ano da guerra, e essa meninada é capaz de vender, porque no jogo contábil não dá lucro, porque durante algum tempo usaram como empresa política. Não tem uma história atrás disso?

— Qual o caminho para o governo Collor?

— O que me impressiona nesse pessoal do Collor é essa falsidade que chamam de neo-modernidade. A neo-modernidade é uma bestagem. O que pode ser moderno no Brasil, neste país com fome, é o povo comer todos os dias, é todo mundo ter um emprego, é toda criança ter uma escola, que possa progredir. Isso é o mais moderno para quem tem juízo. O povo está nesta miséria e não há nenhuma medida tomada no sentido de aumentar a oferta de alimentos, aumentar a oferta de emprego, e uma coragem imensa de desempregar. São uns tarados. A coisa é terrível. É urgente que o Collor perceba que ele precisa mudar de equipe. É preciso chamar essa meninada e passar um pito, mandar mudar de rumo. Disseram a ele que com um tiro ele matava o leão. O leão acabou com ele. A segunda vez fracassaram, já estão no projeto, que é uma espécie de descajabilidade meio asnática, porque nada se concretiza. O Collor está desafiado, cara a cara, a fazer três coisas: dar um emprego a cada brasileiro: dar fartura à população, todo mundo tem que comer todo dia — ninguém cria vaca sem ração, nem frango sem ração, mas povo pode estar sem comida; e escolas sérias para as crianças. Essas três coisas são os pilares de uma política econômica. Este país é do seu povo. Ele deve existir para o seu povo comer, trabalhar e progredir.